

## Resenha:

# MEILLASSOUX, Quentin. *Après la finitude*

Diogo C. Silva (UCS)

### I. Quentin Meillassoux – *Après la finitude*

Quentin Meillassoux (nascido em 1967) é um filósofo francês contemporâneo que se tornou uma das figuras centrais do chamado “realismo especulativo” (ou “novo realismo”) no contexto da filosofia continental. Ele foi orientado por Alain Badiou e manteve uma relação intelectual estreita com a cena filosófica francesa de sua geração.

No panorama filosófico contemporâneo, Meillassoux é reconhecido por ter rompido com a hegemonia – segundo ele – do que chama de *corrélacionnisme* (corracionalismo ou correlacionismo), isto é, a ideia de que só podemos pensar o mundo enquanto mundo para nós (ou em relação ao sujeito) – e não um mundo em si. Sua tentativa de reabilitar o “pensar o absoluto”, ou de pensar o mundo como **exterior ao sujeito**, ganhou considerável atenção acadêmica, engajando debates entre metafísica, epistemologia, filosofia da ciência e filosofia contemporânea em geral.

Dentro da “comunidade científica” filosófica (isto é, no âmbito da filosofia universitária), sua recepção tem sido mista, com muitos elogios de inovação e clareza, mas também críticas detalhadas – por exemplo, sua ênfase no papel da matemática como acesso ao real foi objeto de contestação por filósofos da ciência. Beat Michel publicou uma revisão bastante atenta de *Après la finitude* discutindo como Meillassoux se colocou como uma figura relevante para o realismo contemporâneo. Outro crítico recente, Martín Orensanz, examina especificamente a reflexão de Meillassoux sobre a matemática, sugerindo limitações em suas premissas.

Em termos de influência, *Après la finitude* rapidamente se tornou uma referência para pensadores que buscam resgatar uma metafísica ousada e que desejam transcender o legado kantiano sem sucumbir ao dogmatismo metafísico tradicional. É frequentemente citado em coletâneas sobre realismo especulativo (por exemplo, *The Speculative Turn*) e em debates internacionais de filosofia contemporânea.

Portanto, Meillassoux ocupa um lugar visível no debate filosófico atual como um autor que tenta renovar a metafísica, reivindicando a possibilidade de uma filosofia capaz de pensar o mundo “em si” e não apenas enquanto relação sujeito-mundo.

## **II. Importância do livro *Après la finitude* no contexto da filosofia e das ciências humanas**

*Après la finitude* representa um marco porque propõe uma “crítica da Crítica” – isto é, um questionamento do modelo dominante da filosofia contemporânea que se baseia no horizonte kantiano de crítica transcendental. Meillassoux tenta desestabilizar o impasse entre dogmatismo e ceticismo, propondo uma nova via especulativa que retoma uma noção de absoluto, mas repensada.

No âmbito da filosofia, sua importância reside em:

1. **Reabilitar a metafísica especulativa** – ele chama atenção ao fato de que a filosofia contemporânea, dominada pela desconfiança kantiana e pelas críticas ao sujeito e à linguagem, costuma marginalizar o pensamento do absoluto. Meillassoux propõe reencontrar uma metafísica que não tema o “fora do sujeito”.
2. **Desafiar o *corrélacionisme*** como paradigma dominante, isto é, a suposição de que o mundo só pode ser pensado dentro da relação sujeito-objeto. Ele afirma que essa limitação impede pensar o mundo “em si”.

3. **Propor a contingência como necessidade absoluta** – esta paradoxal formulação (“a única coisa absolutamente necessária é que tudo é contingente”) expressa uma ousadia conceitual que rompe com tradições metafísicas convencionais.
4. **Reativar o papel da matemática e da ciência** no pensamento filosófico – Meillassoux devolve à matemática um papel de acesso ao real, afirmando que as qualidades primárias (matemáticas) são chave para pensar o real “em si”.

Para as ciências humanas de modo geral, embora o livro seja mais filosófico do que empírico, sua proposta abre margens de interlocução. Se concebemos o mundo como contingente de modo absoluto, certas pretensões de fundamentação rígida de teorias sociológicas, históricas ou antropológicas podem ser relativizadas ou questionadas. Ao mesmo tempo, sua tentativa de devolver uma metafísica forte pode estimular reflexões sobre a epistemologia das ciências humanas – como elas se relacionam com o real, até que ponto suas hipóteses são “só para nós” e até que ponto elas aspiram (ou poderiam aspirar) a reflexionar sobre o real em si.

*Après la finitude* é importante porque tenta reconstruir uma grande ambição filosófica (pensar o absoluto) num tempo em que muitos julgam isso inviável; sua provocação estimula o repensar da relação entre filosofia, ciência e as humanidades.

### III. Resumo técnico e principais ideias de

#### **Après la finitude**

O livro contém cinco capítulos principais:

1. Ancestrality
2. Métaphysique, fidéisme, spéculation

3. Le principe de factualité
4. Le problème de Hume
5. La revanche de Ptolémée

Na introdução e na preface, Alain Badiou aponta que Meillassoux propõe uma nova via para além do dualismo crítico/cético/dogmático, o que caracteriza uma grande novidade para o pensamento filosófico e para as ciências em geral.

### **1. A distinção entre qualidades primárias e secundárias (eternel resuscitée)**

Meillassoux retoma a noção clássica (ética cartesiana / moderna) de qualidades primárias (quantificáveis, matemáticas, mensuráveis) e secundárias (sensíveis, subjetivas). Ele deseja reabilitar essa distinção como chave para pensar o mundo em si: as qualidades matemáticas oferecem um acesso que transcende a subjetividade. Ele acusa a tradição filosófica pós-kantiana de ter banalizado ou abandonado essa distinção, em favor de uma “mediação” subjetiva ou linguística entre sujeito e objeto.

### **2. O problema dos enunciados ancestrais (ancestrality) e o desafio ao corrélacionisme**

“Ancestral” ou “ancestralidade” (ancestralité) é um conceito central: refere-se a enunciados científicos que falam de fatos que precedem a existência dos seres humanos pensantes (por exemplo, “há bilhões de anos ocorreu tal evento geológico”).

Para Meillassoux, essas proposições ancestrais são difíceis de acomodar pela filosofia corrélacionista, pois esta tende a interpretar esses enunciados como “para nós” (projeções retrospectivas). Ele critica essa “doutrina da dupla verdade”, pela qual os filósofos mitigam o sentido literal de uma proposição científica antiga atribuindo-lhe um “código” filosófico retrospectivo.

Meillassoux argumenta que os enunciados ancestrais devem ser levados em seu sentido literário e realista — isto é, devem ser considerados como afirmações acerca do real em si, e não apenas mediadas pela condição humana.

### 3. O princípio da factualidade (principle of factuality)

Ele introduz o que chama de *princípio da factualidade* (principe de factuelité): segundo esse princípio, o fato (o que é) é o último dado não contestável, e não há necessidade metafísica que subsuma os fatos sob uma explicação superior necessária.

Esse princípio sustenta que a contingência está na própria base do real: os fatos não têm razão de ser como são. Em suas palavras, não há fundamento último (ou metáfora última) que garanta a continuidade ou a regularidade da natureza.

### 4. O problema de Hume repensado

Meillassoux retoma a famosa “crítica de Hume contra o pressuposto de causalidade universal” — o fato de que a regularidade observada não pode justificar logicamente a necessidade de que sempre será assim. Ele afirma que o problema de Hume não é meramente epistemológico (relativo ao sujeito), mas ontológico: a causalidade e as leis da natureza não têm um fundamento necessário no real.

Sua resposta radical é: **a única necessidade absoluta é a contingência** — isto é, aquilo que é necessário é que as leis da natureza possam mudar, que tudo seja “outramente possível”. Ele insiste que não estamos afirmando que “as leis sempre mudam”, mas que **não há razão para que permaneçam fixas**.

### 5. A “vingança de Ptolomeu” e a reconciliação com a matemática

No capítulo final, denominado “La revanche de Ptolémée” (A vingança de Ptolomeu), Meillassoux busca justificar o papel da matemática como linguagem capaz de refletir esse universo contingente. Ele sugere que o que é matematicamente concebível é, em princípio, possível, e que a matemática fornece acesso ao possível puro. Ele argumenta que não há lei superior que impeça que as leis científicas sejam substituídas ou rompidas – e que a própria lógica (o princípio da não-contradição) permanece como necessidade.

Com isso, Meillassoux pretende dar consistência à especulação metafísica sem recorrer a fundamentos transcendentais tradicionais.

#### **IV. Contribuição e importância no estágio atual do estado da arte + análise crítica**

##### **Estado da arte e legado**

Desde sua publicação, *Après la finitude* tem sido central no surgimento e consolidação do movimento chamado **realismo especulativo** (ou realismo especulativo continental). Outros filósofos como Graham Harman, Iain Hamilton Grant, Ray Brassier e outros engajaram-se com o paradigma que Meillassoux ajudou a inaugurar. O livro continua sendo objeto de debates intensos: não como obra consumida e pacificada, mas como estímulo para repensar metafísica, ontologia e epistemologia contemporâneas.

No panorama contemporâneo, as seguintes tendências ou desenvolvimentos podem ser vistos como herdeiros ou interlocutores de *Après la finitude*:

- A discussão sobre a **contingência radical** e seus desdobramentos para teorias do tempo, da causalidade e da novidade ontológica.
- O diálogo com a epistemologia das ciências (filosofia da ciência), pois Meillassoux tenta reintroduzir a ciência no âmbito da metafísica (em vez de vê-la só como objeto de estudo epistemológico).

- Debates críticos sobre o uso da matemática e o estatuto das proposições matemáticas como acesso ao real (v.g. Orensanz, “A Critique of Meillassoux’s Reflections on Mathematics”)
- A crítica interna ao realismo especulativo: filósofos como Slavoj Žižek apontam que Meillassoux, apesar de pretender superar a relação sujeito-objeto, acaba invertendo essa relação em vez de superá-la plenamente (isto é, redefine um “para nós / em si” invertido).
- Objeções formais e lógicas: alguns comentadores (por exemplo, Raphaël Millière, Thibaut Giraud) examinam possíveis erros lógicos ou incoerências no argumento de Meillassoux (por exemplo, na relação entre contingência e possibilidade).
- Críticas epistemológicas: se a contingência for radical e as leis mudáveis, como explicar a estabilidade observada no mundo científico (por que não vivemos num mundo completamente caótico)?

Como toda grande obra, ela também levantou diversas indagações, dentre as quais destacamos:

1. **Tensão entre contingência radical e estabilidade observada** – se tudo pode ser alterado, por que observamos uma estabilidade tão duradoura das leis físicas? (Alguns críticos afirmam que Meillassoux não resolve satisfatoriamente essa tensão.)
2. **Papel da matemática como acesso privilegiado ao real** – a suposição de que tudo que pode ser formulado matematicamente corresponde a qualidades do real em si é questionável do ponto de vista da filosofia da ciência moderna. (Orensanz, por exemplo, critica essa hipótese a partir da filosofia de Bunge.)
3. **Inversão, não superação, da relação sujeito-objeto** – como observado por críticos como Žižek, pode-se argumentar que Meillassoux ainda estrutura seu pensamento em oposição sujeito / objeto, apenas invertendo a hierarquia, em vez de romper essa dicotomia completamente.

4. **Estilo retórico e proclamações fortes** – alguns analistas (v.g. Pascal Engel) criticam o estilo agressivo retórico de Meillassoux, dizendo que ele “fala sem parar de *corrélacion*”, mas não define claramente “a correlação” ou a relação em jogo.
5. **Desafio da especulação pura** – como conviver com uma metafísica especulativa sem que ela pareça arbitrariedade? Críticos perguntam até que ponto as hipóteses de Meillassoux são filosoficamente justificadas ou apenas imaginativas.
6. **Abrangência limitada para fenômenos históricos, culturais ou sociais** – embora seja provocador para as ciências humanas, o livro não oferece diretamente modelos para aplicá-lo em ciências sociais, podendo ficar distante de problemas concretos dessas áreas.

Sem dúvida, *Après la finitude* representa um ponto de inflexão provocador na filosofia contemporânea, mas não um sistema fechado e intocável. Sua força está em gerar tensão, provocar novas formulações e manter o debate vivo.

## V. Importância da contribuição para o Direito

Embora *Après la finitude* não seja uma obra de Direito, sua abordagem filosófica pode ter repercussões interessantes para o pensamento jurídico. Aqui algumas pistas de como a contribuição de Meillassoux pode dialogar com o Direito:

1. **Fundamentação jurídica e contingência**  
Se adotarmos a visão de que não há leis naturais necessárias (no sentido metafísico), isso pode repercutir no modo de fundamentar normas jurídicas. A noção de que as bases do direito podem ser contingentes pode tornar mais visível a historicidade das ordenações jurídicas e reduzir pretensões de fundamentações absolutistas.
2. **Mudança normativa e mutabilidade das leis**  
A ideia de contingência radical pode servir para teorizar a transformabilidade das normas jurídicas: as leis podem ser revisadas, invalidadas ou reconfiguradas sem que isso seja interpretado como uma

“violação absoluta da ordem”. A concepção de que não há lei eterna complementa teorias de mutabilidade normativa.

**3. Interpretação jurídica e metáforas de realidade / subjetividade**

Se o direito se vê muitas vezes condicionado pela mediação interpretativa (julgamento, hermenêutica, subjetividade judicial), a filosofia de Meillassoux pode inspirar uma reflexão sobre até que ponto o direito poderia tentar “pensar” o objeto jurídico em si, independentemente da mediação interpretativa – ao menos hipoteticamente como ideal regulador.

**4. Epistemologia jurídica e ciência jurídica**

Em especial no campo do direito comparado, direito internacional, teoria jurídica, a noção de que há uma dimensão “em si” que não depende do sujeito interpretante pode convidar o Direito a dialogar mais explicitamente com ciências empíricas, teoria social e filosofia da ciência.

**5. Crítica às pretensões absolutistas no direito natural**

Finalmente, a filosofia de Meillassoux reforça uma crítica àquilo que se pretende como direito natural “absoluto”. Se tudo é contingente, afirmar que há um direito natural estável e universal sem reconhecer sua contingência pode soar como uma forma de dogmatismo.

Embora *Après la finitude* não trate diretamente de Direito, sua metafísica oferece inspiração crítica e conceitual para quem quer repensar fundamentos, metodologia e limites do pensamento jurídico.

Recebido em 10/10/2025

Aprovado em 13/10/2025